



# APROXIMAÇÕES ENTRE FILOSOFIA E PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES DE JÜRGEN HABERMAS

Severino Dias da Costa Filho\*

## Resumo:

A visão freudiana da cultura e da Filosofia. Os pressupostos filosóficos e epistemológicos da psicanálise. As implicações do processo civilizatório na saúde psíquica dos indivíduos e da sociedade. O confronto dos paradigmas antropológicos, filosóficos, sociológicos e psicológicos na abordagem psicanalista. A abordagem da psicanálise pela Teoria Crítica. A Psicanálise analisada por Habermas, vista como “hermenêutica do profundo”, sendo seu objetivo restaurar o texto integral da vida do paciente mediante a reincorporação ao fluxo da consciência de conteúdos recalçados. Habermas entende que desenvolvimento pleno e consistente da base teórica da psicanálise exigiria uma teoria geral da competência comunicativa. Os desdobramentos éticos da auto-reflexão.

**Palavras-chave:** Freud, Habermas, Filosofia, Psicanálise, auto-reflexão

*“Freud era um pensador sobre o qual pesava o absurdo da existência humana.” (Kupfer 1989:12).*

\* Mestre em Filosofia, professor do Departamento de Filosofia da UNICAP.

## Abstract:

Freudian vision of culture and Philosophy. Philosophical and epistemological presuppositions of psychoanalysis. Implications of the civilizing process on the psychic health of individuals and of society. The confrontation of anthropological, philosophical, sociological and psychological paradigms in the psychoanalytical approach. The psychoanalytical approach via Critical Theory. Psychoanalysis examined by Habermas, seen as “hermeneutics of the deep-seated” whose objective is to retrieve the entire text of the patient’s life through the reincorporation of repressed contents to the flow of consciousness. Habermas considers that total and consistent development of the theoretical basis of psychoanalysis would demand a general theory of communicative competence. Ethical unfoldings of self-reflection.

**Key words:** Freud, Habermas, Philosophy, Psychoanalysis, self-reflection.

**A** pesar das resistências por parte de alguns filósofos e cientistas, a existência e validade da psicanálise é um fato que não se pode negar. Expurgado o modismo, que se caracteriza pelo chavão “Freud explica”, a psicanálise constitui uma dimensão da reflexão sobre o homem a qual a cultura hodierna não pode ignorar nem dela prescindir. As teorias psicanalíticas promovem uma revolução nos conceitos antropológicos, assim como a metapsicologia significa uma revolução dentro da revolução, forçando, em nome do mesmo positivismo, uma revisão metodológica e epistemológica das ciências do homem. Mesmo que a radiografia da “alma” feita pela psicanálise esbarre nas críticas de filósofos que não aceitem o inconsciente, inevitavelmente se deve reconhecer os limites da consciência. Mesmo que a psicanálise seja vista como “uma teoria que pretende e pode explicar tudo explicar e não explica nada” (Popper, apud Japiassu 1989:30), que não resista aos critérios da testabilidade, para quem suas hipóteses sejam tidas como *Ad hoc*, não se pode negar o

seu projeto hermenêutico, como salienta Habermas. Este observa ainda que a preocupação cientificista (“*O auto-equívoco cientificista da metapsicologia. A lógica da interpretação genérico-universal*”) conduz os caminhos da metapsicologia. Para ele “Freud por certo pressentia que a realização do programa de uma psicologia ‘Científico naturalista’ ou, no mínimo, sua exata execução em termos behavioristas teria que ter sacrificado a intenção à qual a psicanálise deve, exclusivamente, sua existência: a intenção do esclarecimento — de acordo com o qual o *id* deve vir a ser *Eu*. Verdade é que Freud nunca abandonou tal programa, ele não entendeu a metapsicologia como aquilo que ela tão-somente no sistema referencial pode ser: como uma *interpretação genérico-universal de processos que afetam a formação da espécie.*” (Habermas, 1987 a:269).

Uma das acusações que pesam sobre a filosofia é que essa seja essencialmente principialista, fundamentada em princípios postulados aprioristicamente ou não. Pelo visto “(...) Freud considera a filosofia um obstáculo ao conhecimento científico. Porque ela é portadora de uma pretensão globalizante, visando elaborar uma *Weltanschauung* desembocando numa presunção de saber absoluto. Por isso, nunca se descuidou em estabelecer rígidas fronteiras entre o saber analítico (científico) e o saber filosófico. Em uma das declarações, ele é bastante categórico: ‘Os problemas filosóficos e suas formulações me são tão estranhos que não sei o que dizer deles’; por isso, ‘evitei cuidadosamente aproximam-se da filosofia propriamente dita” (Japiassu, 1989:37).

Embora Freud evite o contato explícito com a filosofia, dela não pode abster-se totalmente. Sem contar que Freud cita várias vezes alguns filósofos, o conceito básico da psicanálise está estreitamente vinculada à tradição filosófica do instinto, tratados principalmente por Schopenhauer e Nietzsche. O primeiro problema que se impõe é a questão da *teoria do conhecimento*: de uma forma ou de outra tem que tratá-la ou subentendê-la, não pode deixar de fazer uso

de tal teoria. Na elaboração psicanalítica, à medida que estabelece o objeto de estudo e o trata mediante um saber, que se pretende científico, “não consegue evitar que ela seja confrontada com a questão dos *princípios* de seu funcionamento. Tanto é assim que sentiu a necessidade de elaborar todo um corpo teórico — por ele chamado de “metapsicologia” — susceptível de supervisionar a prática e de retirar do ‘material’ uma conceitualização: ele se defronta com a questão da ‘especulação’ ao relacioná-la com o ‘dado’” (Japiassu, 1989:37).

Ao constituir a psicanálise, Freud se defronta com a questão fundamental, que é do método. Novamente se vê envolto em questões metafísicas, por exemplo, como representar, no conhecimento, a distinção “Natureza/Espírito”. Para tanto, adotou dois princípios epistemológicos que supõem a cientificidade: a) um princípio *monista* (a psicanálise como uma ciência da natureza inspira-se nos modelos das ciências físico-químicas); b) um princípio *agnosticista* (a fundação de uma psicologia sem alma, centrada na “coisa em si”). Quanto às relações entre a psicanálise e a experimentação, os limites da experimentação psicanalítica, “à objeção de que a psicanálise não tolera nenhuma demonstração experimental Freud contrapõe o argumento da astronomia: essa ciência também não experimenta mas está limitada àquilo que observa. Mas a diferença específica entre a observação dos astros e o diálogo analítico está no fato de, no primeiro caso, a seleção quase experimental das condições iniciais permitir uma observação controlada dos eventos possíveis de serem prognosticados, enquanto no segundo caso, o plano do controle dos sucessos, próprios à ação instrumental, estar totalmente ausente e ser representado através do plano da intersubjetividade, inerente a compreensão mútua acerca do sentido de símbolos ininteligíveis. (...) A metapsicologia desdobra a *lógica da interpretação na situação analítica do diálogo*. Nesse sentido ela se localiza ao mesmo nível da metodologia das ciências da natureza e do espírito” (Habermas, 1978:269). É nesse contexto que Freud elabora os princípios que norteiam a psicanálise. Dentre os princípios, podemos sali-



entar: *princípio de prazer-desprazer, de realidade*. Conseqüentemente, esses princípios implicam a revisão dos paradigmas antropológicos, psicológicos e sociológicos entre outros. Analisando a civilização e seus componentes culturais, Freud encontra nesta a fonte de muitas patologias psicológicas.

### FREUD COMO INTÉRPRETE DA CULTURA

“A psicanálise é um movimento da cultura, porque a explicação que fornece do homem versa, a título principal e direto, *sobre* a cultura em seu conjunto; com ela, a interpretação se torna um momento da cultura; é interpretando o mundo que ela o transforma. (...) a psicanálise é uma interpretação da cultura *em seu conjunto*.” (Ricoeur, 1978:105).

Ao analisar o comportamento e seus distúrbios, Freud é levado a fazer uma análise da sociedade e da cultura. Para se chegar aos conceitos de normalidade e desvio, precisa recorrer aos determinantes culturais. O normal e o patológico determinam-se unicamente, seguindo-se os critérios do quadro institucional socialmente imposto. Habermas lembra que “Freud entendeu a sociologia como uma psicologia aplicada. Em seus escritos teóricos sobre civilização e cultura, ele próprio tentou afirmar-se como sociólogo. Foram questões de psicanálise que o conduziram ao campo de uma teoria da sociedade.” (1987a:288).

Como intérprete da cultura, a psicanálise tem, no cotidiano, sua matéria-prima: fazer uma releitura da vida quotidiana sob vários aspectos da mesma, embora a produção psicanalítica refira-se, de preferência, à psicopatologia propriamente dita. As atividades pessoais e sociais do homem são acessíveis à psicanálise, que está em condições de proceder a investigações adequadas. Em vários de seus trabalhos, Freud analisa o processo civilizatório bem como a evolução das culturas. O projeto científico de Freud, profundamente marcado por ideais iluministas, não desconhece os determinantes comportamentais da civilização.

Procura integrar os determinantes biológicos, sociais, econômicos, culturais, salientando os aspectos sociais do comportamento. As condutas e experiências pessoais são mediadas pelas relações interpessoais. A tarefa da psicanálise é extrair o significado explícito ou implícito dos comportamentos.

Conseqüentemente o comportamento não deve ser tomado no sentido de manifestações puramente exteriores e materiais. É o conjunto das ações fisiológicas, mentais, verbais e motoras pelas quais um sujeito, às voltas com um ambiente, procura resolver as tensões que o motivam a realizar suas possibilidades. O caráter essencial do comportamento é ter uma significação, que é a propriedade pela qual as ações que comporta se articulam uma com as outras e reduzem as tensões que a motivam. Inclui a experiência consciente, modo simbólico de conduta que substitui a ação material ou a precede. Inclui a comunicação, aspecto essencial do sujeito como meio.

A motivação é um estado de dissociação e de tensão que põe em movimento o organismo até haver reduzido a tensão e recuperado sua unidade, como afirma o princípio da constância. Para a psicanálise, a fonte última da motivação são os impulsos moldados pela experiência individual e pela socialização. A motivação manifesta-se sob duas formas principais: as necessidades e as emoções.

Analisando o comportamento socialmente imposto ao homem, Freud constata a ambigüidade do processo civilizatório. Certamente a civilização trouxe muitos benefícios aos homens, contudo o preço pago por ela é muito alto. Assim, pondera Freud que “o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos mais felizes se a abandonássemos e retornássemos as condições primitivas” (Freud, 1978d:148).

Para Erich Fromm, Freud, levado pelo seu conceito de homem e seus desejos inatos de gozos sexuais e sua tendência destrutiva, vai necessariamente conduzir a um conflito inevi-

tável entre civilização, de um lado, e, de outro, a saúde mental e a felicidade. O homem primitivo seria sadio e feliz, pois teria seus instintos básicos satisfeitos, enquanto o homem civilizado está condenado a ser neurótico devido à frustração de seus instintos fundamentais, impostos pela civilização. “Para Freud, a vida social e a civilização estão em oposição essencial às necessidades da natureza humana tal como ele a vê, e o homem se acha na trágica alternativa entre a felicidade baseada na satisfação ilimitada de seus instintos e a segurança e as realizações baseadas na frustração dos instintos e, portanto, conducente à neurose e a todas as outras formas de enfermidade mental. A civilização, para Freud, é produto da frustração dos instintos e, portanto, a causa das enfermidades mentais” (Fromm, 1965:84).

Marcuse, associando o freudismo ao marxismo, radicaliza as conseqüências da repressão, apontando para o progresso das forças destrutivas, derivadas da repressão, presentes tanto na ontogênese como na filogênese. Segundo esse autor, “a análise de Freud do desenvolvimento do aparelho mental repressivo é levada a efeito em dois planos: a) Ontogenético: a evolução do indivíduo reprimido, desde a mais remota infância até a sua existência social consciente; b) Filogenético: a evolução da civilização repressiva, desde a horda primordial até o estado civilizado plenamente constituído.” (Marcuse, 1980:39)

A atualidade do pensamento freudiano é patente, contudo, no que diz respeito a sua interpretação pelos contemporâneos, é que existem vários pontos de vista. Por exemplo, S. P. Rouanet, analisando o “Mal-estar na civilização”, percebe o agravamento desse mal-estar na modernidade. Se as renúncias impostas pela civilização causam a frustração e a culpa, “em nossos dias podemos falar num mal-estar moderno ou num mal-estar na modernidade. É a forma contemporânea assumida pelo mal-estar na civilização. Como todas as outras formas de *Unbehagen*, ele se manifesta sob a forma de um grande ressentimento contra a civiliza-

ção. Mas, tratando-se de um mal-estar na modernidade, o ressentimento se dirige contra o modelo civilizatório que dá seus contornos à modernidade: o Iluminismo.” (Rouanet 1993:96s)

### “HERMENÊUTICA DO PROFUNDO”

De uma forma ou de outra, a psicanálise foi sendo apropriada pelo pensamento contemporâneo. O pensamento psicanalítico possui uma conotação interdisciplinar, tendendo a romper as fronteiras das demais disciplinas. Assim, não tardou as demais ciências sofrerem a influência da teoria psicanalítica: não só as ciências como a Biologia, a Sociologia, a Ciência Política etc. se viram tomadas pelo impulso psicanalítico, as filosofias da consciência tiveram que redimensionar suas perspectivas. Dentre as apropriações, a que mais caracteriza a aproximação da filosofia à psicanálise é a operada pela Escola de Frankfurt:  $\frac{3}{4}$  de seus pensadores interpretaram as várias nuances do pensamento freudiano em conciliação com a teoria social de Marx. Citamos acima as interpretações de Erich Fromm e Herbert Marcuse, exemplos típicos dos frankfurtianos. Um dos herdeiros da Teoria Crítica, como ficou conhecida a Escola de Frankfurt, é Jürgen Habermas.

Inicialmente Habermas chama a atenção para a autocompreensão fisicalista de Freud, pois “preso desde o início ao mal-entendido cientificista, Freud sucumbe a um objetivismo que retorna, sem qualquer mediação, do estágio da auto-reflexão ao positivismo da época, à moda de March, e assume, por isso mesmo, uma forma particularmente áspera.” (Habermas, 1987a:267) Uma vez expurgada da conotação cientificista, Habermas reconstrói a psicanálise de Freud como uma teoria da comunicação sistematicamente distorcida. “Segundo Habermas, Freud prossegue a reflexão hermenêutica, que Dilthey deixara interrompida por incapacidade de escapar aos pressupostos positivistas do seu tempo. Enquanto a hermenêutica remove os erros e distorções do texto, ocasionadas pelas deficiências dos canais transmissores da tradição, sem que tais deformações sejam essenci-



ais, para a hermenêutica profunda, de Freud, as mutilações têm sentido como tal.” (Rouanet, 1986:319). A psicanálise seria uma forma especial de interpretação. O próprio Freud projetou conscientemente a interpretação dos sonhos segundo o modelo hermenêutico da investigação filosófica, comparando-a, às vezes, com traduções de um autor estrangeiro. Porém os esforços interpretativos do analista requerem uma hermenêutica ampliada, capaz de dar razões de uma dimensão especial: do conteúdo latente das expressões simbólicas, um conteúdo que é inacessível ao próprio autor. Freud afirma a existência de um território estrangeiro dentro do próprio sujeito, para captar o duplo caráter deste novo âmbito. Esse caráter se refere à alienação de algo que é do próprio sujeito. Em contraste com as hermenêuticas normais, a interpretação psicanalítica versa, pois, sobre “textos” que expressam e, por outro lado, ocultam os auto-enganos do seu “autor”. A hermenêutica profunda que Freud desenvolve para abordar tais “textos” se baseia em perspectivas teóricas e em regras técnicas que vão mais além das competências normais de um falante de uma linguagem natural.

Segundo Habermas, “as hipóteses teóricas, que fundamentam tacitamente a análise da linguagem de hermenêutica profunda, deixam-se desenvolver sob três pontos de vista. O psicanalista tem um conceito prévio (*Vorbegriff*) da estrutura da comunicação não-distorcida em linguagem corrente (1); ele reenvia a distorção sistemática da comunicação à confusão de dois graus da organização simbólica pré-lingüística e lingüística, separados em termos de história do desenvolvimento (2); ele explica o surgimento da deformação com auxílio de uma teoria de procedimentos de socialização desviantes, que chega até à conexão de modelos de interação da primeira infância com a formação de estruturas de personalidade (3).” (Habermas, 1987b:47).

Habermas baseia a legitimidade da reinterpretção que ele faz da metapsicologia freudiana em termos de teoria da comunicação, em um exame do tipo de evidência em que de

fato se baseou Freud ao constituí-la e comprová-la: o diálogo analítico entre o médico e paciente. O modelo *ego, id, e superego* é, antes de tudo, uma interpretação da experiência do médico das resistências que oferece o paciente. As noções de consciente e pré-consciente se referem ao que é “público” ou comunicável. Pelo contrário, o inconsciente se refere ao que foi silenciado ou apartado da comunicação pública. Freud insistia que a teoria da psicanalítica se baseava na percepção da resistência oferecida pelo paciente quando o médico trata de fazê-lo consciente seu inconsciente. Essa resistência é constituída como manifestação de uma instância defensiva e do material contra o qual essa instância se defende, o material reprimido. Essa constelação de consciência, material reprimido (que, sem dúvida, faz força para elevar-se à consciência), é algo com que o médico topa insistentemente em sua comunicação com o paciente. É a essa constelação que Freud trata de recorrer em seu modelo estrutural.

O “Eu” é a instância encarregada de enfrentar a realidade e de censurar as pulsões. O excesso de exigências instintivas, libidinosas e agressivas é disfuncional para o indivíduo como para a espécie, pois choca com a realidade. A capacidade que possui o eu de ter presente a realidade faz com que esses choques sejam possíveis. Os impulsos instintivos que se prevêem que possam dar lugar a situações perigosas, se se permitem que motivem as ações, convertem-se, então, em fontes de angústia. O eu reage defensivamente e, quando não é possível nem a intervenção na realidade, nem a fuga da mesma, o eu se dirige contra as mesmas instâncias instintivas. Nesse sentido, o processo intrapsíquico de defesa é análogo ao da fuga ante o perigo: o eu “foge”, “ocultando-se de si mesmo”. O texto em que o eu se entende a si mesmo em sua situação está, portanto, dependendo de representações e de exigências instintivas indesejáveis, em outras palavras, está censurado. Fica negada a identidade do eu. Com essa parte do psiquismo que foi censurada, essa parte fica assim reificada e

se converte para o eu em algo neutro, em um *id* (cf. Habermas, 1987a:257s). Portanto, o *id* é o nome das partes de si mesmo que ficaram ilhadas do *ego* (ou eu). Fica representado, mediadamente em sintomas observáveis e imediatamente nos elementos patológicos, paleossimbólicos, que se arrastam em sua linguagem.

A mesma experiência clínica em que se baseiam as construções do *ego* e do *id* mostra que a atividade da instância defensiva é inconsciente na maioria dos casos. Isso levou Freud a introduzir a categoria do *superego* (em alemão *Über-Ich*, por cima, sobre o *ego*), uma instância especial que representa exigências de tipo restritivo ou censurável. O *superego* é a extensão intrapsíquica da autoridade social (cf. Habermas, 1987 a:259s).

A tese de Habermas é que um desenvolvimento pleno e consistente da base teórica da psicanálise exigiria uma teoria geral da competência comunicativa. Tal teoria não somente teria que explicar as condições estruturais da comunicação “normal” (não-distorcida), mas também teria que proporcionar uma explicação evolutiva da aquisição da competência comunicativa, assim como as condições sob as quais se produzem as distorções sistemáticas da comunicação. No entanto a metapsicologia de Freud, uma vez depurada de suas conotações neurofisiológicas, pode ser reconstruída como uma teoria da comunicação sistematicamente distorcida (cf. Habermas, 1987b:56). “Todas as três categorias, eu (*Ego*), *id* e *superego*, estão assim vinculadas ao sentido específico de uma comunicação sistematicamente distorcida, na qual o médico e o paciente ingressam com a finalidade de pôr em andamento um processo dialógico de esclarecimento e de conduzir o doente à auto-reflexão. A metapsicologia só pode ser fundamentada como uma meta-hermenêutica” (Habermas, 1987 b:58).

A psicanálise atinge um bom equilíbrio metodológico entre o distanciamento e a participação nas ciências comportamentais e hermenêuticas. Embora Freud procure explicar

as premissas da psicanálise em termos do paradigma fisicalista do alívio de tensões, ele, mais tarde, compreendeu que a fisiologia clássica oferecia uma comparação mais inteligente, pois envolvia igualmente a restauração hermenêutica de um texto mutilado. O objetivo da psicanálise é restaurar o texto integral da vida do paciente mediante a reincorporação ao fluxo da consciência de conteúdos recalçados. Habermas caracteriza esses processos como uma inserção na linguagem pública de conteúdos paleossimbólicos. Em contraste com a interpretação filológica, que se baseia na conexão etimológica entre a língua viva e a língua morta para preencher hiatos textuais cujo sentido o tempo tornou obscuro, a psicanálise é chamada a resolver os mal-entendidos cuja origem nada tem a ver com as mudanças de sentido trazidas pela evolução da língua; derivam, com efeito, do recalque de certos significados provocados por conflitos extralingüísticos. Para entender o sentido de um episódio neurótico, é preciso explicar sua causa, associada com algum evento na infância que representa um conflito subconsciente entre o *id* (agente inconsciente do desejo) e o *superego* (a introversão da autoridade paterna).

A base teórica da investigação psicanalítica profunda consiste em interpretações gerais do desenvolvimento psicodinâmico que especificam suas fases (oral, anal, fálica, genital) de identificação, conflito e controle. Como as teorias das ciências naturais, essas interpretações gerais permitem deduzir relações causais invariantes entre tipos específicos de conflito e modos patológicos específicos de resolvê-los. Contudo, ao contrário das teorias das ciências naturais, a sucessão de estágios de desenvolvimento, semelhantes a leis, guarda uma dimensão hermenêutica e teleológica: o *ego* é como o autor de um drama, lutando para alcançar sua plena identidade moral, autonomia e autocompreensão. A integração reflexiva de motivos ocultos quebra o vínculo patológico entre as causas reprimidas e uma conduta particular. Finalmente, ao contrário das previsões científicas, as interpretações gerais não po-

dem ser refutadas de modo demonstrável, pois a conduta normal que prevêem, uma vez completado o tratamento, depende inteiramente do êxito do processo de reflexão provocado no paciente pela análise.

Freud, em seu realismo honesto, força o homem a tomar um posição diante da vida, no tocante a sua consciência e sexualidade, pois, mais que uma adaptação do sujeito à realidade, favorecendo ideologias, a manutenção do *status quo*, a atitude psicanalítica requer do sujeito uma postura ética. Como afirma Habermas, “pelo fato da análise exigir do paciente a experiência da auto-reflexão, ela postula uma ‘responsabilidade ética para com o conteúdo’ da doença. Pois, a inteligência efetiva, à qual a análise deve conduzir, consiste, depois de tudo, apenas no seguinte: que o Eu do paciente se reconheça em seu outro, representado pela doença, como em *seu Eu-próprio* alienado, e se identifique com ele. Como na dialética da moralidade de Hegel, o criminoso reconhece em sua vítima sua própria essência arruinada, uma auto-reflexão, pela qual as partes abstratamente em conflito reconhecem a totalidade moral esfacelada como sua base comum e, por intermédio de tal processo auto-reflexivo, retornam a tal fundamento. O conhecimento analítico é, simultaneamente, inteligência ético-efetiva, eis que na dinâmica da auto-reflexão a unidade da razão teórica e da razão prática ainda não está supressa” (1987a:253).

## BIBLIOGRAFIA

COSTA FILHO, Severino D. **A ética do discurso de Jürgen Habermas**: uma alternativa à crise da modernidade. Recife, 1995. Dissertação. (Mestrado em Filosofia Social), UFPE, 1995.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **Esboço de psicanálise**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **A questão de uma Weltanschauung**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (*Obras Completas*).

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

GOLDENBERG, R. **Ensaio sobre a moral de Freud**. Salvador: Agalma, 1994.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: Livros Técnicos e Científicos, 1987.

JAPIASSU, H. **Psicanálise: ciência ou contraciência?** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8. ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1980.

PRADO JR., B. **Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud**. In: Discurso 14 (Rev. do Dep. de Filosofia da USP). São Paulo: Polis, 1983.

REALE, G. e ANTISERI, D. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulinas, 1991, v. 3.

REIS, A. O. A., MAGALHÃES, L.M., GONÇALVES, W. L. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1984.

ROUANET, S. P. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e Utopia**. Lisboa: Eições 70, 1991.